

SILVIO ROMERO: EM DEFESA DOS POBRES E ESQUECIDOS

Alexandra Santos Pinheiro¹

Resumo: Na década de 1870, os temas em voga passaram a ser o abolicionismo e a república, pensados a partir do positivismo e do evolucionismo. A escola do Recife de Tobias Barreto e seu discípulo Silvio Romero contribuíram para a divulgação das teorias de Comte, Taine, Spencer, Darwin e Haeckel. “É a “Escola do Recife”, isto é, a Tobias Barreto e a seu discípulo fiel, Silvio Romero, que se deve a primeira transposição dessa realidade em termos de consciência cultural”. O presente artigo objetiva analisar algumas críticas realizadas por Silvio Romero. Será que em nome da defesa de seus contemporâneos Romero manteve-se fiel às novas tendências da crítica? É o que pretendemos responder no presente texto.

Palavras-chave: Silvio Romero, Tobias Barreto, Machado de Assis, crítica literária

Abstract: During the 1870 decade the subjects under examination were the abolitionism and the Republic. These themes were examined by the positivism and evolucionism viewpoints. The Tobias Barreto School of Recife and his disciple Silvio Romero contributed to the dissemination of new sociological theories as such Comte, Taine, Spencer, Darwin, and Haeckel. “The School of Recife,” represented mainly by Tobias Barreto and his fidel disciple Silvio Romero, which has bring about new theories to analyze the literature in terms of cultural conscience. This article intends to analyze some critics written by Silvio Romero. The main question is: Had Romero kept fidelity to the new tendencies of literary criticism in order to defend his fellow counterparts of School of Recife? That is what I intend to answer in this article.

Keywords: Silvio Romero, Tobias Barreto, Machado de Assis, literary criticism

¹ Professora Assistente da Unioeste campus de Francisco Beltrão e doutoranda pelo IEL-UNICAMP.
Email:
alexpin@netconta.com.br

*“O que se tira de Silvio Romero com uma das mãos,
é preciso dar de volta com a outra”
(Antonio Candido).*

Baseada na tentativa de valorização do nacional, a crítica literária, que se estabeleceu no Brasil com o Romantismo, teve, como primeiros representantes, os escritores: Luís de Castro, Joaquim Norberto de Sousa Silva,

Macedo Soares, Fernandes Pinheiro, Domingos José de Magalhães, Salvador de Mendonça, José da Rocha Leão Junior, Homem de Mello, Francisco Bernardino de Sousa, José Maria Velho da Silva, Nuno Álvares Pereira e Sousa, Reinaldo Carlos Montoro e Augusto Zaluar, predecesores da crítica de Silvio Romero, José Veríssimo, Nestor Vitor, João Ribeiro, e outros.

Dentre os que apontaram alguns caminhos para essa prática no Brasil, citamos Ferdinand Denis e Almeida Garrett², que foram os que introduziram as teorias de Chateaubriand, Madame de Stäel, Augusto Guilherme Schlegel na produção dos escritores brasileiros. Dos escritores citados, Antonio Candido deu maior ênfase à teoria do alemão Schlegel porque, segundo o crítico, foi a mais estudada pelos românticos brasileiros. De acordo com Candido, a estética romântica proposta por Schlegel realçava os seguintes pontos:

Força poética, senso do mistério, valor simbólico, busca das forças incógnitas do universo e da alma (...). Ao mesmo tempo acentua o seu caráter particularista, fundado na teoria, que então predomina, de que a literatura exprime as condições locais, o espírito nacional, dependente da raça e das tradições (Candido, 1993: 286).

Embora considerasse os críticos românticos singelos e “mediócras”³, para Antonio Candido, devemos reconhecer que foram os críticos do século XIX os primeiros a tentar interpretar e construir a história da literatura brasileira (Candido, 1993, p. 329). Na introdução da *Formação*, Candido também apresentou um breve panorama da crítica iniciada no século XIX e continuada no XX:

A crítica do século XIX e XX constitui uma grande aventura do espírito, e isto foi possível graças à intervenção da filosofia e da história, que a libertaram dos gramáticos e retores. Se esta operação de salvamento teve aspectos excessivos e acabou por lhe comprometer a autonomia, foi ela que a erigiu em disciplina viva (Candido, 1993:33).

Mas essa “disciplina viva” teve um longo período de formação. No início, para tratar de uma obra, o crítico focava o seu autor; quanto mais digno e moral fosse seu comportamento, melhor seria vista a sua literatura. Um exemplo de crítica que priorizou o aspecto moral do autor em detrimento da qualidade estética da obra pode ser encontrado em Nuno Álvares e Sousa. Ao apresentar a obra brasileira *A filha da vizinha*, de Antonio José

² Citado por ter sido o influenciador dos fundadores da *Revista Niterói*- Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem.

³ Adjetivo utilizado por Antonio Candido (Cf. Candido, 1993, p. 328).

⁴ O adjetivo “injusto” foi utilizado aqui no sentido de critérios utilizados pelo resenhista. Nuno Álvares admitiu que *A filha da Vizinha* era um romance fraco, com uma deficiente construção das personagens e com falhas no enredo. O que o fazia melhor do que a literatura de Flaubert era o caráter moral dos autores e do conteúdo das obras.

Fernandes dos Reis, o crítico estabeleceu uma “injusta”⁴ comparação com o romance francês *Madame Bovary*:

Entretanto, existe nos romances modernos um cancro, que interiormente vai solapando, e quiçá por demais ramificado se acha na literatura moderna; falamos, não da imoralidade torpe e asquerosa, que a polícia proibiria e que só seria aplaudida pelos espíritos totalmente perversos, é de outro gênero a imoralidade a

que nos referimos: é a que sob as formas caprichosas da poesia se ostenta em algumas produções modernas. Balzac foi o primeiro a iniciar-se nesse gênero de literatura, após ele uma plêiade de imitadores surgiu de todos os cantos, sobressaindo entre todos Gustavo Flaubert, com um dos romances que tem obtido a maior nomeada em Paris, falamos de *Madame Bovary* (R.P. Tomo 8, 1 de outubro de 1860, p. 84 – 89).

Nuno Álvares pareceu respirar aliviado, por saber que o romance de Flaubert não foi acolhido pelos leitores brasileiros:

Felizmente para a nossa literatura, esse gênero é verdadeiramente desconhecido entre nós, e para isso fazemos apelo a uma última publicação brasileira, *A filha da vizinha* (R.P. Tomo 8, 1 de outubro de 1860, p. 84 – 89).

Esses primeiros nomes também precederam Silvio Romero no que diz respeito à tentativa de compor uma história da literatura brasileira. O Cônego Fernandes Pinheiro, com artigos como “Literatura: origem da língua portuguesa” e “Formação da literatura brasileira”, e Joaquim Norberto Sousa Silva, com os primeiros capítulos de sua *História da Literatura Brasileira*, dedicaram-se a projeto semelhante.

Considerado por Antonio Candido o pesquisador que constituiu o princípio estrutural para uma crítica de cunho nacionalista, Joaquim Norberto, apesar da falta de instrução formal, iniciou-se nos estudos de nossa literatura aos 21 anos, dedicando-se à poesia, ao romance, ao teatro, à biografia e à pesquisa, sendo esta última a sua maior contribuição para o conhecimento literário do Brasil. Nos textos que compõem a *História da Literária Brasileira*, existia a constante utilização de um discurso que enalteceu tanto a natureza quanto os primeiros habitantes do Brasil. São escritos que possibilitaram conhecer os princípios que regeram a crítica de Norberto, quais sejam: a Nacionalidade, a Independência e o Romantismo (AZEVEDO, 1996:133).

Em nenhum momento Norberto exaltou a presença da literatura estrangeira na literatura nacional; pelo contrário, reafirmou seu nacionalismo exacerbado, atribuindo às tribos indígenas a origem da composição literária brasileira. E, quando foi obrigado a fazê-lo, referiu-se apenas à influência da literatura portuguesa nas letras brasileiras, o que para ele só ocorreu devido à falta de uma língua “brasileira”. No ensaio de 1860, além da falta de uma língua para a fundamentação de uma literatura, o crítico destacou a falta de Universidades ou um outro estabelecimento científico para a formação dos intelectuais brasileiros. Nas palavras de Norberto:

Não há, portanto, literatura brasileira, assim como não há literatura argentina, literatura boliviana, ou literatura mexicana, agora o que certamente há, é que em muitas obras escritas por brasileiros, consiste um dos principais ornamentos da literatura portuguesa. Tais são os escritos do padre Caldas; tal é o *Caramuru*, de Frei José de Santa Rita Durão; tais são as obras de Vicente José Ferreira Cardoso, que todo mundo trata de português e que nasceu na Bahia (*R.P.*, tomo 6, 1860, p. 305).

Na realidade, Norberto afirmou que é a condição de colonizado que impede o progresso literário do Brasil e, como um nacionalista convicto, destacou em todos os seus textos sua admiração pela natureza brasileira, seu desejo de buscar a independência literária, o resgate do índio e de seus costumes.

Na década seguinte, 1870, os temas em voga passaram a ser o abolicionismo e república, pensados a partir do positivismo e do evolucionismo. A escola do Recife de Tobias Barreto e seu discípulo Silvio Romero contribuíram para a divulgação das teorias de Comte, Taine, Spencer, Darwim e Haeckel. “É à “Escola do Recife”, isto é, a Tobias Barreto e a seu discípulo fiel, Silvio Romero, que se deve a primeira transposição dessa realidade em termos de consciência cultural”:

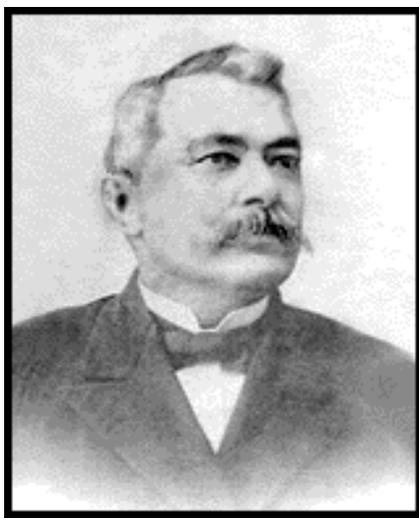
A poesia social de Castro Alves e de Sousândrade, o romance nordestino de Franklin Távora, a última ficção citadina de Alencar já diziam muito, embora em termos românticos, de um Brasil em crise. De fato, a partir da extinção do tráfico, em 1850, acelerara-se a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de idéias liberais, abolicionistas e republicanas. De 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo. Comte, Taine, Spencer, Darwim e Haeckel foram os mestres de Tobias Barreto,

Silvio Romero e Capistrano de Abreu e o seriam, ainda nos fins do século, de Euclides da Cunha, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Me-deiros de Albuquerque, enfim, dos homens que viveram a luta contra as tradições e o espírito da monarquia (BOSI, 1994: 163).

Considerados mais como historiadores da Literatura Brasileira do que como Críticos, é com Silvio Romero⁵ que efetivamente temos uma primeira abertura para a discussão do que seria a crítica propriamente dita. A obra *Da crítica e sua exata definição*⁶ consagra Romero por ter sido o primeiro a tentar definir o que é crítica e por ter tratado do contexto social, da subjetividade do autor e do meio em que ele viveu.

⁵ Lagarto/SE, 1851 - RJ, 1914

⁶ A obra apresenta uma contradição, uma vez que nela o autor não dá a exata definição do gênero, como pretendeu fazer.



Silvio Romero

Na obra, Romero destacou mais o que não poderia ser crítica do que efetivamente seria o trabalho crítico. Dentre suas objeções, ressaltou que a crítica não poderia ser confundida nem com gramática: “na crítica perdura o vício de a confundir com a arte de bem dizer, de bem escrever, de bem falar, de bem aplicar as regras, de bem imitar os modelos” (p. 18); nem com estética. Para o escritor, crítica é “um juízo, um modo de julgar, gosto, opinião, modo de ver e apreciar” ou: “a crítica é apenas um processo, um

método, um controle, que se deve aplicar às criações do espírito, em todos os ramos de sua atividade” (p. 28).

Vejamos, então, como Silvio Romero aplicou sua teoria. Será que o método crítico usado por ele foi imparcial? O sergipano bonachão, de excelente humor, desinteressado, generoso, comunicativo, “mas que de pena em punho preferia atacar, desfazer em tudo que contrariasse, manifestando um ciúme que roçava pela inveja (...)” (CANDIDO, 1988, p. IX), conservou muitos inimigos, como Teófilo Braga, José Veríssimo,

Lafayette Pereira Rodrigues e Laudelino Freire. Por causa de críticas feitas a ele pelo Freire, por exemplo, escreveu o livro *Minhas contradições*, que foi uma espécie de carta resposta. No texto, o nome de Laudelino Freire vem substituído pelo pseudônimo de Lomelino Freitas e pelo vocativo Imbecil:

Decididamente o mundo está para se acabar... Lomelino Boceta, falando nessas cousas! O mundo está para se acabar...São presagios do cataclysm. Ouviu falar naquelas palavras em maiúsculo, não se sabe de que trata, e engana-as com *cogito ergo sum* de Descartes... O imbecil (...) (ROMERO, 1912: 2).

Por outro lado, Romero também usou a pena para exaltar os amigos e os que para ele tinham obras de valor literário. Não sabemos se por bairrismo ou por regionalismo ou por amor aos fracos, endividados e, às vezes, esquecidos, o fato é que o mesmo Romero que depreciava Machado de Assis exaltava três autores sergipanos: José Maria Gomes de Souza (Estância - SE, 1837 – R.J., 1893); Elzeário da Lapa Pinto (SE, 1840-RJ, 1897) e o seu mestre e companheiro da Escola de Recife, Tobias Barreto de Meneses Campos (SE, 7 de junho de 1839 – Recife, 26 de junho de 1889), acerca do qual nos debruçaremos no decorrer da presente análise. Além de conterrâneos de Silvio Romero, os três tiveram em comum uma vida de privações econômicas.

Os comentários tecidos sobre a produção de José Maria e Elzeário foram breves. Do primeiro, destacou os nomes dos dois únicos volumes impressos (*Estancianas* e *Velhice e Mocidade*), “ambos deixam agradável impressão” (ROMERO, 1903, p. 344). Cita um trecho do poema de 10 estrofes, dedicado a Henrique Dias⁷:

Valente como ninguém!
De sua nobre ousadia
Deu-lhe o Brasil parabéns
Oh! Bayard da liberdade,
Teu nome famoso há de
Afrontar do tempo a ação;
E a par dos nobres Guerreiros,
E dos heróis brasileiros
Terás a tua oblação (1903:346).

⁷ Henrique Dias, um grande militar negro, não só destacou-se na luta aberta e clássica contra os holandeses como lhes moveu durante longo tempo uma desgastante guerrilha. Ele inspirou a invicta “Legião dos Henrique”, da qual saíam outros negros famosos, como João Batista de Faria, que foi nomeado em 1859 para guarda pessoal de D. Pedro II, durante a sua visita à Bahia (<http://zumbij.sites.uol.com.br/pioneiros.htm>).

E encerra com o seguinte parecer: “estes versos são de 1857; neles há uma certa ousadia, uma certa vivacidade que agradam. Foi um bom cultor da poesia histórica e patriótica; e esta poesia objetiva é, muitas vezes, uma das grandes vozes de um povo; é a nação que se revê nos seus heróis” (p. 346-347). Qual terá sido para Romero uma “certa ousadia”? Será mais viva do que “I Juca Pirama”? Ou mais patriótica do que “Canção do Exílio”?

Elzeario da Lapa Pinto, por sua vez, foi, na concepção do crítico, superior a Luiz Delfino, um catarinense que também caiu nas graças de Romero. A única obra publicada por Elzeario foi *Festim de Balthazar* (1865), “o mais perfeito produto do gênero”:

Queimai perfumes, escravas!
Trazei-nos sândalo e flores!
Vinho! Do vinho os vapores
Levem presságios cruéis!
Por Baal! Por Ball! Soe a orquestra,
Tangei, tangeis, menetreis (1903:347).

Tanto José Maria quanto Elzeario morreram na miséria e sem nenhum reconhecimento:

Pobres talentos desprezados, martirizados pela cruel indiferença de um publico futilíssimo! *O Festim de Balthazar* (1865) é uma das poesias: mais belas da língua portuguesa no séc. XIX. Numa história documentada da literatura brasileira seria uma lacuna a falta de tão interessante inspiração (1903:347).

⁸ “Tobias Barreto de Meneses Campos (SE, 7 de junho de 1839 – Recife, 26 de junho de 1889). De origem humilde, filho de mestiço, fez estudos primários e secundários, em Estância – SE, com os padres Querino de Sousa e Pitangueira, aprendendo latim e música, fundou em Lagarto uma escola primária. Amigo de Romero na Escola do Recife, foi colocado por Romero, seu discípulo, acima de Machado de Assis e de Castro Alves. Tobias morreu na miséria e foi vítima de malícias e incompreensões (COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2º. V. Rio de Janeiro: FAE, 1989, p. 303.

Mas foi ao terceiro sergipano citado, Tobias Barreto⁸, a quem Romero dedicou-se com maior esmero para provar a sua genialidade literária. Por isso, os textos críticos escolhidos para análise foram os capítulos IX (“O prosador e seu estilo”), X (“A prosa no Brasil”) e XI (“Ainda o estilista: paralelo com Tobias Barreto”), extraídos do livro *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira*, que tinha duas propostas: estudar Machado de Assis em comparação a Tobias Barreto, a quem o crítico dedicou

o trabalho: “À grande memória de Tobias Barreto, nosso maior amigo morto da Escola de Recife”; e a de “colocar Machado em seu lugar”:

O presente livro, sabemo-lo a priori, vai desagradar, por mais de um motivo, a grande número de leitores se, por ventura, os tiver. Consagrando a um ilustre brasileiro, que nos derradeiros trinta anos tem sido geralmente apontado como um dos pontos cardeais de nosso firmamento espiritual, e destinado a mostrar que não é



Machado de Assis

de todo exato o sítio em que colocam na esfera estelar do pensamento pátrio, ele vai, com certeza, ferir suscetibilidades; porque nós não estamos ainda habituados a deixar zombar de nossos feitiços políticos. Machado de Assis é um dos consagrados em vida ao nosso bea-tério letrado. Em parte merece-o ele, mas só em parte, e a pequena redução que se deve fazer em seu culto é exatamente o que este livro se destina a provar, e tenta-o asseadamente, honestamente, sem preocupações nem rancores. E o digno escritor não desmerecerá em sentar-se em seu verdadeiro posto na história intelectual da nossa pátria, se este ensaio crítico houver de contribuir para designar esse posto. Bem-aventurados nas letras aqueles que são objeto de estudos desinteressados e sinceros; porque é deles o reino da glória. Machado de Assis é um desses (ROMERO, 1992⁹:32).

⁹ A obra foi publicada, pela primeira vez, em 1897.

Contudo, a leitura dos capítulos nos confirma que a crítica de Romero não foi tão desinteressada como ele desejou demonstrar.

Em todos os capítulos, a estrutura adotada consistiu em comentar o que, para ele, eram aspectos falhos na obra de Machado e citar longos trechos da produção de Tobias Barreto para exemplificar o que seria a boa literatura. Sobre o estilo, por exemplo, lembra que o escritor carioca não tem força imaginativa da representação sensível, pela movimentação, pela abundância ou pela variedade do vocabulário. Mas o estilo de Machado, de acordo com “o modo de apreciar” de Romero, também tem qualidade: “suas qualidades mais eminentes são a correção gramatical (o que ele não considerava efetivamente uma quali-

dade), a propriedade dos termos, a singeleza da forma". Os elogios duram pouco, o crítico, ao comparar o estilo com a personalidade do autor, volta a depreciá-lo:

O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivaz, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulário e da frase. Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem que deixa-nos a impressão dum perpétuo tartamudear (p. 122).

Sugeri que o seu leitor abrisse qualquer obra de Machado para comprovar sua tese. Escolheu, como exemplo, um fragmento do Conto "Miss Dollar". Em seguida, mostrou como há a

repetição das palavras: Miss Dollar apareceu doze vezes, leitor, sete vezes, será e seria, oito.... Comparado a Tobias Barreto, o prosador fluminense perdeu até em número de estilo, já que o sergipano teve "nada menos de dois estilos": "um imaginoso, correspondente à fase francesa de seu desenvolvimento, e outro discursivo e travoso de ironia, correspondente ao seu período germanista" (p. 126). Mas não cita nenhuma obra de seu mestre para que a comparação possa ser realizada.



Tobias Barreto

Nos capítulos seguintes, e nos anteriores também, é

esse jogo de depreciação e exaltação que encontramos. Tudo fortemente ligado ao campo pessoal, nada que se compare às qualidades que Antonio Candido identificou em sua obra:

Em 1880 apareceu *A Literatura Brasileira e a crítica moderna*, feito de artigos publicados entre 1872 e 1874, com prólogo e epílogo posteriores, formando um corpo coerente de doutrina, que pode ser considerado a sua plataforma e ponto mais completo de partida (CANDIDO, 1978: XIV).

No capítulo X, enumerou vários romancistas importantes para a produção da prosa brasileira: MontÁlverne, Sales Torres Homem, Justiniano da Rocha, João Francisco Lisboa, José de

Alencar, Quintino Bocaiúva, Machado de Assis, Tobias Barreto, Rui Barbosa, Ferreira de Araújo. Nenhum deles medíocre: “não tenho por hábito elogiar medíocres”; contudo, alguns são um pouco mais notáveis, como é o caso de Tobias Barreto: “Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto, é-lhe quase sempre inferior” (p. 132). Para provar, cita um longo trecho do discurso que o amigo fez, em 1865, por ocasião da capitula de Montevidéu.

Seguro de que os exemplos falaria por si mesmos, Romero não comentou os fragmentos que citou. Porém, não podemos negar que sua lista de prosadores foi bem mais aberta do que a que fez seu mestre Tobias Barreto, para quem, em 1872, só existiam dois nomes: Macedo e Alencar:

No decurso dos últimos cinqüentas anos, durante os quais a novelística tem sido largamente cultivada, até em Portugal, onde se encontram alguns produtos notáveis, não é bem singular que só possamos referir dois nomes, a que se prendem meia dúzia de romances fúteis, diletantescos, sem relação com a vida nacional, e baldos de interesse para o geral dos leitores? Não é preciso dizer que me refiro a Macedo e Alencar que são, decerto, em nossa terra os únicos representantes do gênero (BARRETO, 1990:63).

Em seu desejo de justiça, Silvio Romero acabou por cometer enganos em seu julgamento. Disse, dentre outras questões, que, a partir do meio, a leitura de *Brás Cubas* e de *Quincas Borba* era monótona e levada com esforço. Diferentemente de *Helena* e *Iaiá Garcia*. A História da Literatura desmentiu esse parecer e não é por acaso que, juntamente com *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*, as duas obras desconsideradas por ele figuraram entre as produções da fase adulta do autor carioca.

Romero ainda cometeu um outro lapso. Para provar a inferioridade de Machado em relação a Tobias, citou um fragmento de *Quincas Borba* (o passeio matinal de Carlos Maria, no dia de seu noivado) e concluiu:

Eis aí, é o quadro mais completo, como pintura e descrição, que encontro em toda a obra de Machado de Assis, em que ele mais habilmente juntou a imaginação, a poesia e o humor, em que mais docemente casou a natureza exterior a uma situação da alma humana (p. 145).

Em seguida, ao invés de escolher um texto em prosa de seu professor, citou um fragmento do livro de filosofia religiosa de Tobias Barreto para tirar a “prova dos nove”. E encerrou com um conselho à “panelinha” que cercava Machado de Assis:

Mais largueza de animo e um pouco mais de estudo meus senhores. E neste ponto tenho muito prazer em jurar que o próprio Machado de Assis está de acordo comigo.

Se não o diz sem reboço, é porque tem receio de desgostar a panelinha que o cerca, que teima em manter ainda hoje uma espécie de política dinástica em literatura, por motivos que serão, talvez, oportunamente apreciados (p. 149).

Lembremos, todavia, que, para Silvio Romero, crítica também era um modo de julgar, de ver e apreciar” e isso ele fez ao escrever os textos em que comparou Machado de Assis a Tobias Barreto. Nos três capítulos analisados, o crítico sergipano não mencionou o contexto social da época, tratou pouco da subjetividade dos autores analisados e não se referiu à questão do meio, aspectos defendidos por ele. O que temos é o parecer de um discípulo tentando provar o talento de seu falecido mestre da Escola do Recife, vítima de duras críticas, em relação à “inferioridade” do estilo machadiano, protegido pela “panelinha fluminense”.

De qualquer forma, como destacamos na epígrafe desse trabalho: “o que se tira de Silvio Romero com uma das mãos, é preciso dar de volta com a outra” (Antonio Candido). Por isso, não desconsideramos a importância de Silvio para as letras brasileiras, a forma como estudou nosso folclore, a tentativa de sistematizar o gênero da crítica, o esforço para escrever uma história da Literatura Brasileira e, porque não inserir entre os bons resultados do crítico, sua preocupação em resgatar escritores marginalizados por seu meio. Machado já era consagrado em vida, mas seus três conterrâneos, principalmente, seu amigo Tobias, raramente eram citados.

Portanto, o fato de não ter conseguido ser impessoal na comparação entre Machado e Tobias mostra que a crítica não é constituída só por um sistema fechado de juízo de valores presos a regras estipuladas, ela é também imbuída de subjetividade, de paixão e vaidades.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Sílvia Maria. “**Joaquim Norberto: o nacional e a história**”. In. *Coontinente Sul Sur*. Revista do Instituto Estadual do Livro, ano 1, n.2, 1996.

BARRETO, Tobias. **Crítica de Literatura e arte**. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990 (obras completas).

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio (seleção e apresentação). **Silvio Romero: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

_____. **O método crítico de Silvio Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

COUTINHO, Afrânio. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. 2º V. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

Revista Popular. Rio de Janeiro: Editora B.L.Garnier, 1859-1862

ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. 2ª. Rio de Janeiro: H. Garnier livreiro editor, 1903. v.2

_____. **MINHAS CONTRADIÇÕES**. Bahia: Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, 1914.

_____. **Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1992

Artigo Recebido em: 19/07/06

Aprovado em: 24/10/06